



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arvore-ser/>

## **Árvore-ser: manifesto poético-filosófico para vida na terra-mundo**

Bruno Vilela Vasconcelos[1]

**RESUMO:** O ensaio propõe um convite àqueles que se encontram desterrados no caminho da vida a se enraizarem na terra como árvores. Propõe uma compreensão integrada às dinâmicas do solo, dos rios, da atmosfera, como coparticipante ativo destes mundos, permitindo uma escuta atenta das vidas que percorrem estes fluxos. Busca romper com a centralidade antrópica do aprender a ser vivo em um mundo multiespécie, em que as árvores, bem como toda vida vegetal, se fazem professoras. Espalhar-se, emaranhar-se, envolver-se em tramas e danças com a vida nos seus diversos meios abióticos e bióticos caracterizam uma metafísica vegetal. O texto-manifesto se nutre da relação micorrízica das tramas poéticas com emaranhados filosóficos com as plantas, inspirado inicialmente por Manoel de Barros e envolvido com a metafísica vegetal de Emanuele Coccia, fazendo brotar sementes para imaginar novos mundos possíveis em um horizonte de relações florestais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Árvore-ser. Devir-árvore. Vida vegetal. Metafísica.

---

## **Be a tree: poetic-philosophical manifest to life on earth-world**

**ABSTRACT:** The essay proposes an invitation to those who find themselves exiled on the path of life to root themselves in the ground as a tree. It proposes an integrated understanding of the dynamics of the soil, the rivers, the atmosphere, as an active co-participant in these worlds, allowing an attentive listening to the lives that run through these flows. It seeks to break with the anthropic centrality of learning to live in a multispecies world, in which trees, as well as all plant life, become teachers. Spreading out, getting tangled up, getting involved in webs and dances with life in its various abiotic and biotic environments characterize a plant metaphysics. The text-manifest is nourished by the mycorrhizal relationship of the poetic webs with philosophical entanglements with plants, initially inspired by Manoel de Barros and involved with the plant metaphysics of Emanuele Coccia, causing seeds to sprout to imagine new possible worlds in a horizon of forest relations.



**KEYWORDS:** Be a tree. Tree-becoming. Plant life. Metaphysics.

---

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore

Manoel de Barros

Posso assim dizer que as palavras do poeta pantaneiro Manoel de Barros são as sementes para a existência deste ensaio. A ideia de estar uma árvore pressupõe um devir. Um processo, movimento, transformação. Um devir-árvore. Trata-se de um convite para vir a sermos como árvores por um momento e experimentarmos, mesmo que brevemente, uma mistura ontológica à vida vegetal, ou seja, um árvore-ser. Para além de uma constituição imutável e permanente da existência, árvore-ser brota como uma proposta poética para tomarmos proporções de árvore em um horizonte de transformações constantes das relações humanas com a terra-mundo e com os seres vivos no Antropoceno. É mais do que um arvorecer ou arborecer, que se restringe meramente à árvore. É convocar ontologicamente as árvores para uma conversa cósmica no caminhar, fazendo emergir um devir no encontro das vidas - humanas e vegetais. Pretendo, assim, fazer emergir atravessamentos possíveis entre nós e as árvores. De maneira proposital, como manifesto a liberdade criativa e crítica de ambas, me nutro de elementos poéticos - presente, por exemplo, na dimensão da palavra entre arvorecer e árvore-ser - e filosóficos - na dimensão ontológica de um devir-árvore em um percurso com a natureza - para construção dessa narrativa em diálogo com as plantas-árvores. Além disso, pretendo contribuir com a virada vegetal em um mundo cocriado pelas e com as plantas (Coccia, 2022). Precisamos vir a ser como árvores.

### Da vida vegetal como enfrentamento

Eu queria aprender

O idioma das árvores.

Saber as canções do vento

Nas folhas da tarde.

Eu queria apalpar os perfumes do sol.

Manoel de Barros



Diante do contexto global do Antropoceno - Plantationceno? Capitaloceno? - o momento em que vive a Terra é de extremo desequilíbrio. Para Haraway (2016, p.2), o Antropoceno não é exatamente uma Era geológica, mas sim um evento-limite, um ponto de inflexão que tem destruído espaços-tempos para pessoas e outros seres, mas que possui um por vir que merece atenção. Apesar de compreender que a espécie humana não é a única que participa da transformação evolucionária da história do planeta - outros agentes orgânicos e atores abióticos participam ativamente também - vale salientar que a complexidade e a velocidade dos impactos que a sociedade humana regida pelo roteiro moderno ocidental tem causado impactos destrutivos irreversíveis (Haraway, 2016, p.1). Além dos impactos gerados pelas chamadas mudanças climáticas,

Trata-se também da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres etc., em padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema (Haraway, 2016, p.1).

O enfrentamento a todas essas questões exige uma sensibilidade do entorno. Segundo Mancuso (2019), as plantas são dotadas dessa elevada sensibilidade. O pesquisador ressalta a capacidade que elas possuem em “resistir perfeitamente a repetidos eventos catastróficos sem perder a funcionalidade e de se adaptar com rapidez a enormes mudanças ambientais” (Mancuso, 2019, p.13). Para Trewavas (2003), esse é um típico comportamento inteligente nas plantas. Para ele, entende-se inteligência como a capacidade variável e plástica em busca de adaptabilidade às diferentes condições do ambiente no qual se encontram (Trewavas, 2003). Isso se deve ao fato da vida vegetal ser uma exposição integral de aderência global ao ambiente (Coccia, 2018, p.13). Dessa maneira, podemos compreender que, em um mundo de degradações vegetais, a plasticidade, flexibilidade e presença das plantas em mudar-se constantemente, ao mesmo tempo que se mantém firmes no espaço, as tornam sábias viventes dentro da trama da vida na Terra, verdadeiras experientes neste processo e capazes de promover uma superação em curso desse ponto de inflexão. Logo, são biologicamente representativas como seres resistentes, além de extremamente inteligentes.

Para além de um caráter fisiológico, as árvores evocam resistência a qualquer maneira universal de ser-estar-existir no mundo. Diante da violência colonial que repercute nas múltiplas esferas da vida, explorando terras, rios e, também, do território-corpo (Núñez, 2021, p.1), experimentar-se



ontologicamente como árvore - assim como compreender-se floresta - é resistir frente às invasões e destruições ambientais, como conta Krenak (2020). O pensador indígena complementa:

Quando os povos originários se referem a um povo como “uma nação que fica de pé”, estão fazendo uma analogia com árvores e florestas. Pensando as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes. Nesses momentos, os genes que compartilhamos com as árvores falam conosco e podemos sentir a grandeza das florestas do planeta. Esse sentimento torna a mobilizar pessoas para a ideia, que já ficou banalizada, de proteger as florestas (Krenak, 2020, p. 52)

### **Do aprender natureza e o modo de ser vivo com plantas-professoras**

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.  
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.  
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de  
sol, de céu e de lua mais do que na escola.

Manoel de Barros

Essa agressão e incidência ao corpo da Terra (Krenak, 2020) é um reflexo de uma ruptura umbilical do humano com os biorritmos das relações da vida na Terra, configurando um rompimento com uma condição eco-ontológica (Rufino; Camargo; Sánchez, 2020, p.4). Essa separação em relação ao organismo da Terra contribuiu - e ainda contribui - por alimentar dualidades como natureza e cultura, colocando todos os seres com a natureza de um lado e a figura do humano fragmentado do outro, em caráter hierarquizado e verticalizado, sendo-o o topo da manifestação da vida, ou melhor, para além da vida. É a construção da humanidade que pensamos ser, segundo Krenak (2019). Quando foi que deixamos de ser natureza? A idealização da humanidade faz o pensador indígena questionar se somos verdadeiramente uma, buscando expandir essa caracterização e promover uma transformação dessa ideia em diálogo novamente com a Terra. Assim, para reconfigurar nossa condição orgânica de natureza, como vida na terra, evoco as plantas!

Admirar e se relacionar com as plantas, para além de um ser dentro da lógica do serviço e da utilidade da vida (Krenak, 2020), se tornou um convite a uma vida expandida em transformação. A poética de migrar-se ontologicamente para um estado de árvore, da mesma forma que fazer árvore em gestos e pensamentos (Dias, 2021), é uma potente quebra de perspectiva que dilui o



antropocentrismo e promove uma tentativa mínima de perceber-se fora de si, como pertencente a um todo e ativo dentro do processo de transformação da vida. Para Emanuele Coccia (2022), essa cosmologia especulativa de sentir-se planta é a forma fundamental de compreender as relações entre vida e mundo, isso porque o mundo é literalmente produzido por elas, como falaremos mais a frente. Isso nos convida a construirmo-nos como ser vivo em relação, que se constitui no encontro. Myers (2022) dialoga com essa ideia quando diz que procedemos das plantas e que elas são professoras nesse quesito, pois nos tornamos humanos a partir das relações que possuímos com todos os seres vivos. A antropóloga complementa:

Reconhecer verdadeiramente nossa humanidade é nos reconhecermos enquanto coletivos, é reconhecer as forças e formas de vida que nos dão vida, é compreender que nosso alimento, nossa própria substância, o substrato sobre o qual vivemos foi feito pelas plantas. Elas moldaram este planeta para torná-lo habitável e respirável para nós. Como começar a compreender sua agência sobre nossa formação? É possível desenvolver um sentido muito mais profundo da nossa própria humanidade se começarmos a reconhecer que nossa humanidade faz parte de um mundo que é construído e dominado pelas plantas, que é dirigido pelas plantas, que é organizado pelas plantas. Isso geraria uma espécie de humildade diante da vida coletiva nesse planeta (Myers, 2022, p. 2).

É aprender com as plantas. Entende-se a natureza nesse ponto como sujeito da produção de conhecimento (Almada; Venancio, 2021). Logo, as plantas são professoras que compartilham conhecimentos com a natureza. Myers (2022) diz que o aprendizado com as plantas se dá na relação com elas e que são generosas o bastante para ensinar sobre o mundo que as circundam. A partir de uma relação profunda e aberta, as plantas se tornam professoras capazes de nos ensinar a curar o planeta, o solo, o ar e o clima, ou seja, de desintoxicar o mundo (Myers, 2022, p.6).

Dessa forma, emaranhados como raízes das árvores na terra, existem uma multiversidade de seres, tanto humanos como mais-que-humanos, que trazem outras maneiras de se relacionarem com o caminho da vida e que, diante desses múltiplos mundos e articulações entre si, emergem cosmopolíticas (Stengers, 2018, p.447), a exemplo da vida vegetal. Myers (2022), como uma anunciadora de uma cosmopolítica vegetal, traz a ideia de *planthropos* como contraponto a *anthropos*. Para a antropóloga, *planthropos* é a relação como “coletivo que temos que considerar ao tomar nossas decisões sobre como nos movemos pelo mundo, como construímos nossas cidades, como interagimos com os territórios, com a nossa comida e com absolutamente todo o resto”



(Myers, 2022, p.3). Adotar uma postura vegetal como manifestação cosmopolítica é compreender as relações em uma vida multiespécie no mundo (Süssekind, 2018).

### **Do arvorecer ontológico-metamórfico da vida: o fazer mundo vegetal**

Ele tinha o dom de árvore

Manoel de Barros

Krenak (2020) diz que os povos ameríndios carregam a memória ancestral de terem sido, antes de serem humanos, árvores, visto que são capazes de ver o real em sua forma mais ancestral (Coccia, 2018). Para ele, associar-se às plantas - assim como rios, pedras e outros seres - é uma sabedoria existencial (Krenak, 2020, p. 42-43). Dentro dessa perspectiva existencial, o filósofo Emanuele Coccia, em seu livro *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*, traz consigo uma virada ontológica da maneira de existir no mundo com as plantas. Dentre raízes, folhas e flores, Coccia (2018) nos inspira a árvore-ser. O sentido da palavra dialoga com a proposta de tomarmos dimensões de árvore, arvorecer, mas que alinhe essa perspectiva a uma compreensão metamórfica e ontológica da vida na relação humano-vegetal-mundo. Metamórfica porque a metamorfose se trata do modo de vida de todo ser vivo, do atravessamento do “eu” no corpo do outro (Coccia, 2020, p. 52). Ontológica porque se trata de uma mistura de seres em interação, interpenetração e influência recíproca na transformação da existência de si (Coccia, 2018, p. 73). Árvore-ser é “aprender a vegetalizar nossos próprios tecidos para aprender a sentir e provar o prazer que uma planta pode experimentar” (Myers, 2022, p.5). É emaranhar raízes pelo solo, é adensar-se em dossel pelas folhas, florescer em abundância e espalhar sementes. As árvores são o ponto de conexão com o mundo vivo em transformação, são o ponto de encontro dos elementos da vida.

Segundo Coccia (2018), as plantas são aquelas que compreendem o significado de estar-no-mundo. Para o filósofo, “não se pode separar - nem fisicamente nem metafisicamente - a planta do mundo que a acolhe. Ela é a forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo” (Coccia, 2018, p.13). Compreender-se no mundo é uma pergunta filosófica que extrapola tempo e espaço e que vai além de uma legitimação humana. Isso porque para compreender o mundo é preciso fazer-mundo, ação que as plantas conhecem muito bem (Coccia, 2018, p.15). Logo, estar uma árvore é compreender em maior excelência o que é ou pode vir a ser estar-no-mundo.



## Dos modos de vida e dos estado de árvore

Para entrar em estado de árvore é preciso partir  
de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde,  
no mês de agosto

Manoel de Barros

Segundo Coccia (2018), as árvores possuem dois modos de vida: a vida ctônica e a vida aérea. São enigmáticas ao ponto de configurarem-se como organismos ontologicamente anfíbios, capazes de conectar espaços, como a terra e o ar, o solo e o céu (Coccia, 2018, p.80). A vida ctônica pode ser simbolizada pelas raízes. Representa o contato com o solo e com a vida que o permeia. É a relação entre os minerais, a matéria orgânica, a decomposição e a água. Coccia (2018) diz que as raízes são capazes de explicar a verdadeira natureza da Terra. Enquanto a árvore se encontra no conhecimento sobre a litosfera, a árvore é a raiz em totipotência. Para Coccia (2018, p.79), é o sistema radicular que propicia o conhecimento sobre o estado de si e do meio que se encontra, bem como dos organismos que povoam o mundo. É uma das duas vidas possíveis de planta, a vida ctônica em comunhão sinérgica com todas as formas de vida (Coccia, 2018, p.81).

Em um mergulho geológico, as raízes se estendem em um movimento singular em relação aos outros viventes: em direção ao centro da Terra (Coccia, 2018, p.83). Esse geotropismo permite a sensação de se emaranhar cada vez mais na terra, de amaciar, de trabalhar o solo, de se conectar. É se aconchegar num escuro. É firmar-se na imprevisibilidade da incerteza, ao passo que percorre a curiosidade de conhecer caminhos possíveis sem titubear. É um amor ao solo que é intrínseco à vida vegetal (COCCIA, 2018, p.84). Compartilhar desse amor como raiz-árvore é a busca de compreender melhor o que solo precisa para se manter vivo e, por consequência, gerar vida e mais vida, seja na reprodução da evolução dos seres ou na alimentação, fornecendo nutrientes para os heterotróficos. É compreender, por exemplo, que o solo não precisa da fertilização sintética para gerar riqueza e abundância em vida, mas de relações agroecológicas e agroflorestais, que se opõem às monoculturas. Diante de impactos e degradações edáficas pelo mundo, se relacionar com o solo é chamado das plantas para perpetuação da vida.

Diferente das raízes que interagem com a litosfera, as folhas interagem com a atmosfera. As folhas são o chamado para a atenção à vida aérea. É a vida banhada na luz, na visibilidade e na intensa



interação com outros seres (Coccia, 2018, p.81). Segundo Coccia (2018), “a planta é antes e acima de tudo folha”. Essa expressão nos convida a pensar, em grau de importância, a relação das folhas com o meio que vivem. São a interface cósmica entre a vida na Terra e as possibilidades e misturas das existências do mundo, alimentadas pelo oxigênio (Coccia, 2018, p.31). A folha é o suspiro da vida. É a transpiração, a evapotranspiração, a respiração, é sentir-se vivo. É o intercâmbio dos gases, a alimentação própria. Ela nos convida à atenção ao clima, à fluidez cósmica da estrutura metafísica da mistura que constrói a planta (Coccia, 2018, p.30-31). Este clima, tão agredido e modificado pelas relações antrópicas.

As folhas possuem diferentes relações com o mundo, dentre elas a relação com a luz do Sol. Nesse movimento heliotrópico com o mundo, a folha se faz fotossíntese. Segundo Coccia (2018, p.40), “a fotossíntese é um grande laboratório atmosférico no qual a energia solar é transformada em matéria viva”. Ela é responsável por fazer o mundo respirar e o manter em um estado dinâmico (Coccia, 2018, p.41). A folha nos convida ao que o filósofo chama de imersão. A imersão é a compenetração recíproca entre o sujeito atuante no mundo e o ambiente, no qual se definem mutuamente no processo, um processo radical de estar-no-mundo, sendo a fotossíntese um exemplo (Coccia, 2018, p.43). Assim, a folha convoca-nos a fotossintetizar o mundo, a estabelecermos uma relação imersiva da transformação energética daquilo que é potencialmente vivo em vida.

Nesse emaranhado de relações e modos de vida, a árvore se faz, ao mesmo tempo, meristema e floresta. São estados expansivos de árvore que se tornam importantes dentro da compreensão-transformação do mundo. Ambos são presentes e contribuem mutuamente em si mesmos para construção da árvore. O meristema é o estado no qual se entende como a potência individual do estado de árvore. A árvore como ser meristemático se torna uma potência do devir com o mundo. A criatividade da vida vegetal perante a construção de si e do mundo as fazem verdadeiras conhecedoras dos elementos que perpassam a vida. O meristema representa a totipotência vegetal. É na totipotência da criação da vida em consonância com as condições ambientais é que mora o convite a compreendermos o mundo sob outra lente que é a vegetal. É sobre compreender o ambiente que está sendo transformado ao mesmo tempo que me transformo. É conhecer a dinâmica da terra em que estou situado ao mesmo tempo que transformo o solo, a vida no solo e a minha própria vida. O resultado são as raízes. Ou as folhas no contato da transformação mútua da atmosfera e células meristemáticas apicais caulinares. Assim, árvore-ser em estado meristemático





é estar presente em crescimento e envolvimento no tempo e espaço ao passo que conhece sobre o mundo, transforma-o e age sobre ele em sintonia com uma perspectiva multiespecífica da vida na Terra.

O outro estado é o estado de floresta. Entende-se a floresta como potência coletiva do estado de árvore, ou seja, o estado das relações. Para Dias (2021), as árvores sabem fazer floresta e as florestas, em seu constante movimento e transformação da vida orgânica e inorgânica, representam um estado limite do estar junto, viver junto (Dias, 2020, p.8). A floresta é a propriedade emergente de um mundo todo vivo (Dias, 2020), ou seja, é o palco biodiverso da vida multiespécie em que as árvores se tornam sujeitos coletivos importantes da transformação das relações que ali se constroem. São seres colaborativos. Apesar de seu caráter intrínseco como indivíduo, a árvore é uma pessoa coletiva que transmite sua visão de mundo (Krenak, 2019, p. 28). Árvores também contém a coletividade dentro de seu estado original propriamente. Segundo Dias (2021), as árvores criam corpo coletivo com o mundo a partir da relação capaz de reunir a diversidade da vida em si. Além disso, as árvores são um chamado para o coletivo. Para Sato (2011), as árvores possuem sentido imanente e transcendente e evocam o dever da árvore, um chamado para o ato poético de agir - eu e o outro com o mundo - na transformação da vida.

Como exemplo dessa abordagem, Susana Dias (2021), na ideia de pensarmos a árvore como floresta, aborda essa condição na associação micorrízica em “redes rizomáticas”. As raízes são capazes de se associarem simbioticamente a fungos micorrízicos denominados micorrizas. Essa associação multiespécie é capaz de conectar as árvores entre si e fazer com que ambas possam se comunicar como floresta, trocando informações sobre as condições do ambiente em que se encontram, nutrientes e perigos possíveis (Wohllenben, 2017, p.14). Raízes permitem comunicação, proteção, fixação, sobrevivência. Assim, as relações micorrízicas tornam-se políticas coletivas como floresta importantes para nós como potência de conectar raízes profundas que possuímos o mundo, ou seja, com a terra/Terra que vivemos, ao passo que nos relacionamos como árvores, compreendendo a si e o outro em um processo de compartilhamento de saberes e biointeração (Santos, 2019). Que possamos construir relações micorrízicas com o mundo, pois esse trabalho colaborativo é capaz de florescer arranjos multiespécies junto a vida humana (Haraway, 2016, p.2)



## Sementes regenerantes

Hoje eu desenho o cheiro das árvores

Manoel de Barros

Dessa forma, como dançarinas cósmicas (Krenak, 2020), as plantas, com suas poéticas e filosofias, são horizontes que expressam uma construção do ser natureza em consonância com a Terra. *Árvore-ser* é promover um reflorestamento do imaginário (Núñez, 2021). É tomar as proporções e dimensões ontológicas em um devir-árvore. É perceber-se solo, ar, água, luz, vida, não vida, mistura. É expandir-se de maneira totipotente como indivíduo em raízes, folhas, caules, flores e sementes, em que cada estado orgânico compreende uma relação com o mundo. É construir-se coletivamente como floresta. A totipotência vegetal e a construção de relações que emergem desses estados de árvore se tornam subsídios para uma vida multiespécie que podem atravessar a postura humana na terra. Árvores são organismos regenerantes de Gaia (Scarano, 2019). Para Scarano (2019, p.11), a regeneração de Gaia tem a ver com cicatrizar fraturas deixadas pelo Antropoceno - estas que foram trazidas no início deste ensaio - curando-a com vida e não vida. As plantas podem fazer com que o Antropoceno possa ser o mais curto e tênue possível (Haraway, 2016, p.2). Mais que ornamento paisagístico das cidades, as plantas são ornamentos cósmicos (Coccia, 2018, p.11).

Concluo com esse chamado: que possamos assumir o dever da árvore, como bem disse Sato (2011) e que possamos recorrer a elas para podermos imaginar outros mundos possíveis, visto que as plantas são as fazedoras-de-mundo. Como disse Coccia (2018), o mundo é produto da vida vegetal. E a vida das plantas é a vida em mistura. Quem sabe esse não seja o idioma das árvores que Manoel de Barros buscou aprender.

Ao passo que escrevo, entre emaranhados humano-vegetais, agradeço e dedico esse texto à minha irmã, Carolina Vilela, que me inspira diariamente a experimentar um *árvore-ser* em ressonância com o mundo.

## Bibliografia

ALMADA, Emmanuel Duarte; VENANCIO, Bruno. Pode a natureza falar? Perspectivas para uma educação ambiental multiespécie. **Revista Interdisciplinar Sulear**, p. 67-81, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sulear/article/view/5429> . Acesso: set. 2022.



COCCIA, E. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, E. **A virada vegetal**. São Paulo: n. 1, 2018. Disponível em: [https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel\\_emanuele\\_coccia](https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel_emanuele_coccia) . Acesso: set. 2022.

COCCIA, E. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DIAS, S. O. Perceber-fazer floresta: a aventura de entrar em comunicação com um mundo inteiro vivo. **Revista ClimaCom**, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/> . Acesso: set. 2022.

DIAS, S. Uma árvore já é um rizoma: Antropoceno, clima e vida multiespécie. **Incomunidade**, out. 2021. Disponível em: <https://www.incomunidade.com/uma-arvore-ja-e-um-rizoma-antropoceno-clima-e-vida-multiespecie-susana-oliveira-dias> . Acesso: set. 2022.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod\\_resource/content/0/HARAWAY\\_Antropoceno\\_capitaloceno\\_plantationoceno\\_chthuluceno\\_Fazendo\\_parentes.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf) . Acesso: set. 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem viver**. Org .Bruno Maia, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

MANCUSO, S. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MYERS, N. **O mundo já é incrivelmente encantado**. Cadernos SELVAGEM. Publicação digital da Dantes Editora, Biosfera, 2022. Disponível em: [http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO48\\_MYERS.pdf](http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO48_MYERS.pdf) . Acesso: set. 2022.

NÚÑEZ, G. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom**, ano 8, n.21, 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/> . Acesso em: set. 2022.

RUFINO, L. R.; CAMARGO, D. R. & SÁNCHEZ, C. 2020. Educação Ambiental Desde El Sur: a perspectiva da terexistência como política e poética descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental-REVISEA**, São Cristóvão, Sergipe, 2020, v. 7, p. 1-11. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revisea/article/view/14520> . Acesso: set. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. 2 ed revisada e ampliada. Publicação Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), Universidade de Brasília



(UNB), Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Brasília, Março de 2019.

SATO, M. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, F. (org.) **Educação Ambiental para o Semiárido**. João Pessoa: EdUFPB, p. 539-569. 2011.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. In: BAILÃO, André S. *et al.* (org) Entreviver-desafios cosmopolíticos contemporâneos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4056/405655387023/405655387023.pdf> . Acesso: set. 2022.

SÜSSEKIND, F. Sobre a vida multiespécie. In: BAILÃO, André S. *et al.* (org) Entreviver-desafios cosmopolíticos contemporâneos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 159-178, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/QGfsZZN9GhBwP437fYhqqGw/?format=html> . Acesso: set. 2022.

TREWAVAS, Anthony. Aspects of plant intelligence. **Annals of botany**, v. 92, n. 1, p. 1-20, 2003. Disponível em: <https://academic.oup.com/aob/article/92/1/1/177536?login=false> . Acesso: set. 2022.

WOHLENBEN, P. **A vida secreta das árvores**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

*Recebido em: 15/09/2022*

*Aceito em: 15/10/2022*

---

[1] Discente do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: brunovilelav96@gmail.com.